

PODER

Morre, aos 96 anos, o ministro que comandou a economia na ditadura e, em seguida, foi deputado e conselheiro de Lula

A longa história de Delfim

» RAFAELA GONÇALVES

Controverso e pragmático, morreu, ontem, aos 96 anos, o ex-ministro Antônio Delfim Netto. Um dos economistas mais conhecidos do país, ele nunca foi uma unanimidade, mas é indiscutível a sua influência no debate econômico.

Responsável pela formação de gerações seguidas de economistas, Delfim viveu seu auge nos anos do governo militar, mas manteve relevância depois da redemocratização, sendo considerado o mais poderoso ministro da Fazenda da história republicana.

Internado desde a última segunda-feira (5/8) no Hospital Israelita Albert Einstein por complicações de saúde, ele deixa uma filha e um neto. Segundo a assessoria da família, o velório e o enterro serão restritos à família.

Descendente de imigrantes italianos, nascido em maio de 1928, na capital paulista, formou-se economista em 1951 pela Universidade de São Paulo (USP) e tornou-se catedrático em 1958 com uma tese de doutorado sobre café. Foi na mesma instituição que ele fez carreira acadêmica como professor titular de Análise Macroeconômica e recebeu o título de professor emérito pela Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (FEA-USP).

Foi membro do Conselho Consultivo de Planejamento (Consplan) do governo Castelo Branco, em 1965 e tornou-se secretário de Fazenda no governo de São Paulo em 1966. Depois

de se destacar no cargo, Delfim Netto assumiu o Ministério da Fazenda em 1967, sob a presidência do general Costa e Silva, e foi um dos arquitetos da política econômica brasileira durante a ditadura militar.

O rápido crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) à época fez com que Delfim ficasse conhecido pelo “Milagre Econômico”. O período apresentou características marcantes, como um crescimento médio de 10% ao ano, desenvolvimento industrial expressivo, modernização da infraestrutura e aumento das exportações, impulsionando a economia brasileira. Contudo, as políticas desenvolvimentistas levaram ao país sérios problemas de endividamento externo, o que acabou resultando na hiperinflação que marcou o início da redemocratização.

AI-5

À frente da equipe econômica, ele foi um dos signatários do Ato Institucional Número 5 (AI-5), decreto que deu início ao período mais sangrento da ditadura, a partir de dezembro de 1968. Em entrevista ao programa Roda Viva, em 2019, o economista afirmou que assinaria o ato novamente. “Não tem arrependimento possível sobre alguma coisa que você não tem nenhum controle”, afirmou.

Delfim Netto permaneceu como titular da pasta até 1974, se tornando um dos ministros mais longevos da Fazenda do país, por sete anos. Logo após esse período, tornou-se embaixador brasileiro

Agência Estado



Delfim Netto entrou para a história como responsável pelo Milagre Econômico, a partir do governo Costa e Silva. Ele assinou o AI-5, em 1968

em Paris (1975-1977). Ao retornar ao Brasil, foi ministro do Planejamento entre 1979 e 1985, e ministro da Agricultura (1979).

Elegeu-se deputado federal pela primeira vez em 1987, onde permaneceu cinco mandatos como deputado federal pelo estado de São Paulo, até deixar o Congresso em 2007.

Conselheiro

Delfim se reinventou na carreira política, tornando-se um dos poucos personagens que tiveram acesso ao poder na era militar e civil. Ministro dos

governos dos generais Costa e Silva, Emílio Garrastazu Médici e João Baptista Figueiredo, ele também exerceu influência nos governos de José Sarney.

Embora tivesse a imagem ligada à ditadura, Netto tornou-se uma espécie de conselheiro informal do presidente Lula durante seu segundo mandato (2007-2010). Além disso, deu conselhos a Dilma Rousseff e também foi procurado por Michel Temer.

Ao lamentar a morte do economista, Lula lembrou que fez críticas a ele durante 30 anos. “Na minha campanha em 2006,

pedi desculpas publicamente porque ele foi um dos maiores defensores do que fizemos em políticas de desenvolvimento e inclusão social que implementei nos meus dois primeiros mandatos”, contou.

Segundo o petista, ele participou muito das discussões de políticas públicas daquele período. “Quando o adversário político é inteligente, nos faz trabalhar para sermos mais inteligentes e competentes”, destacou o chefe do Executivo, que teve voto declarado a ele por Delfim nas eleições de 2022, quando disputou a presidência com Bolsonaro.

Delfim foi alvo de busca e apreensão da operação Lava-Jato, em 2018, suspeito de ter recebido pagamento de uma construtora por uma consultoria e que teria declarado o dinheiro.

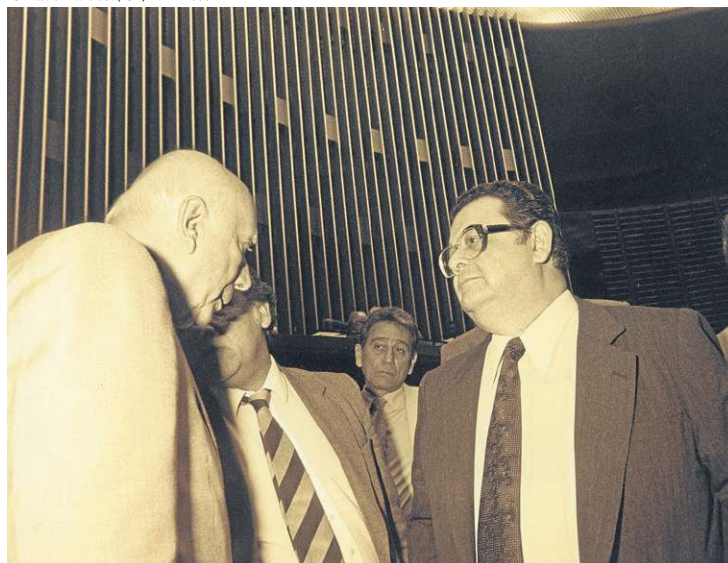
Colunista dos principais veículos de imprensa do país durante anos, ele, que era pouco afeito a tecnologia, acabou ganhando destaque nas redes sociais com um vídeo em que defendia o sedentarismo como forma de prolongar a vida.

Agência Estado



Delfim foi ministro de presidentes militares, como Ernesto Geisel

Givaldo Barbosa/CB/D.A Press



Deputado constituinte, ocupou o Parlamento em cinco mandatos

Givaldo Barbosa/CB/D.A Press



Surpreendeu ao se tornar conselheiro econômico de Lula

Homenagens de políticos e economistas

Personalidades lembraram a trajetória do economista, considerado um dos nomes mais influentes da política econômica do país. Em nota oficial, o Ministério da Fazenda o definiu como “um referencial em diferentes fases da história do país”.

O vice-presidente e ministro da Indústria e Comércio, Geraldo Alckmin, afirmou que o economista foi um “eminente protagonista da vida pública nacional”. “Serviu condignamente o país em elevadas e distintas funções,

legando valiosos exemplos em favor do desenvolvimento econômico e social do Brasil”, escreveu em seu perfil no X.

O presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Aloizio Mercadante, destacou a trajetória do político e economista. “Apesar das divergências políticas e do próprio debate econômico, que tivemos ao longo da vida, Delfim Netto sempre teve compromisso com a produção e com o crescimento da

economia”, afirmou.

O ex-ministro da Fazenda Mailson da Nóbrega afirmou que o economista foi “um dos mais importantes formuladores e executores de política econômica do país”. “Ele tinha plena consciência de seu valor na economia brasileira e formou muitos economistas sabendo de seu papel. Certamente ficará como um dos homens públicos mais importantes do Brasil”, destacou.

Presidente do Congresso Nacional, o senador Rodrigo

Pacheco afirmou que o ex-político é um “notável conhecedor da economia brasileira e teve relevante papel na história do país”.

Em nome do Supremo Tribunal Federal (STF), o ministro Luís Roberto Barroso manifestou pesar pela morte do economista e desejou conforto aos amigos e familiares. “Delfim Netto prestou serviços ao Brasil em diferentes momentos históricos. Nos períodos mais recentes, após a redemocratização, foi

conselheiro econômico de mais de um governo e atuou em projetos de inclusão social que levaram ao desenvolvimento econômico do país”, lembrou.

A Confederação Nacional da Indústria (CNI) divulgou nota lamentando o falecimento do economista. “Além de desempenhar importante papel como conselheiro de presidentes e empresários. Ao longo de sua longa trajetória como político e estudioso, dedicou-se e contribuiu para o entendimento das questões do país”, diz o documento da CNI.

Também em nota, a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) afirmou que

Delfim Netto marcou um ciclo da economia brasileira. “Atuou no ensino superior, na administração pública, na literatura e no parlamento por décadas, propondo transformações na busca do desenvolvimento do país”, destacou.

A entidade citou o respeito internacional ao economista, que “sempre defendeu o fortalecimento da indústria nacional”. “Ao olharmos a trajetória do economista Delfim Netto, encontramos os talentos de matemático, pensador, analista histórico e bem-humorado frasista. Nossos sentimentos à família e aos amigos nesta hora triste.” (RG)

ARTIGO

» POR: ANDRÉ GUSTAVO STUMPF

“Dívida não é para ser paga”

Antônio Delfim Netto foi uma espécie de vice-rei do Brasil durante os governos militares. Ele chegou ao Ministério da Fazenda, no governo Médici, com 39 anos. Filho de um funcionário da empresa de transportes de São Paulo e de uma costureira, começou sua vida como office boy da Gesy Lever. Trabalhou em bancos, fez de tudo até conseguir entrar para a Faculdade de Economia da Universidade de São Paulo.

Foi o aluno brilhante, que, anos depois, desenvolveu uma longa e surpreendente tese sobre a indústria do café no Brasil. Ele fez questão de mostrar um técnico sem preocupações políticas. Escondeu bem sua vocação, porque depois de promover o chamado Milagre Econômico, quando conseguiu fazer a economia brasileira crescer vários anos acima de 8% ao ano, ele começou a pensar na política. Tentou ser governador de São Paulo para depois chegar ao Palácio do Planalto. Quem impediu sua caminhada foi o presidente Ernesto Geisel, e seu chefe da Casa Civil, Golbery do Couto e Silva. Por causa desta desavença ele foi para o exílio dourado. Foi nomeado embaixador do Brasil em Paris.

Ele chegou ao governo Figueiredo

como ministro da Agricultura. Foi um dos criadores da Embrapa, porque acreditava que era necessário desenvolver a agricultura nacional com bases sustentáveis e de acordo com o clima tropical. Depois substituiu Mário Henrique Simonsen no Ministério do Planejamento, quando o Brasil quebrou. Delfim Netto comandou uma recessão severa para recuperar a saúde das contas nacionais. Teve êxito relativo, porque a inflação começou a subir no período final do governo Figueiredo. Em seguida, escalou para hiperinflação.

Delfim Netto foi grande frasista e personagem preocupado com sua imagem. Ele fazia questão de conversar com jornalistas, falar e ouvir, distribuía comentários sobre vários assuntos, sempre

muito bem-humorados. Ele foi um gorro assumido, que nunca faz qualquer tipo de exercício físico. Sempre disse que o exercício prejudica o ser humano. E afirmava que atletas morrem cedo. Viveu bem seus 96 anos com seu volume barriga avantajada. Nada o incomodava neste mister. Neto de italianos, gostava de uma boa comida. Bebida, muito pouco. Casou duas vezes, teve uma filha e uma neta.

Delfim Netto escreveu mais de 10 livros, foi um consultor na área de economia de vários governos, inclusive Lula e Dilma Rousseff. Os militares tinham admiração e receio pela inteligência fulgurante do ministro, que assinou o AI-5 e nunca se arrependeu. Dizia que era o certo a ser feito naquela época. Em tempo

mais recente, foi quem organizou o consórcio para construir a usina de Belo Monte. Foi deputado federal constituinte pelo PSD e se elegeu mais quatro vezes pelos sucedâneos da legenda que sustentou os governos militares. Na Câmara, Delfim Netto fazia a festa dos jornalistas. Parava na porta do plenário e analisava tudo o que o governo estava fazendo. Suas ideias apareciam em vários jornais, revistas e noticiário de televisão. Foi um homem múltiplo. Um dos poucos que conseguiram levar os sisudos técnicos do FMI na conversa. Ele prometia executar a política de Washington, mas empurrava o assunto com sua enorme barriga. Sua máxima era: “dívida é não é para ser paga, mas para ser rolada”. Ele rolou e enrolou o FMI durante muito tempo.